

Capital e o trabalho do cuidado

Bárbara Cristina da Silva

Graduanda em Ciências Econômicas–UFMG

Presidente do Diretório Acadêmico-FACE.

E-mail: barbarasilvaufmg@gmail.com

A Economia do Cuidado possui uma face para além da economia relacionada ao trabalho visível de enfermeiros e educadores, por exemplo. O texto em questão, pretende discutir um pouco sobre o cuidado que engloba o trabalho reprodutivo, doméstico e de bem estar, sendo essas atividades historicamente designadas às mulheres como algo inerente e natural. Além do recorte de gênero, é necessário pontuar que raça e classe são outros aspectos fundamentais para compreender esse contexto de exploração, uma vez que em um cenário macro, essas funções são realizadas muitas vezes por mulheres negras e migrantes.

Ao longo da história, a dominação masculina sobre as mulheres foi justificada por um determinismo biológico em que elas seriam mais propensas aos cuidados tendo em vista a capacidade das mesmas de gerar e criar novos indivíduos. Apesar dessa lógica não ter surgido no capitalismo, esse sistema usa da divisão sexual do trabalho para se favorecer financeiramente, mas também embasar práticas sociais de controle sobre os corpos e vivências femininas.

O trabalho visível e reconhecido, que pode ser denominado de “trabalho econômico” só é possível devido à existência do trabalho doméstico, da criação e educação, do cuidado afetivo e tudo aquilo que se volta para a socialização e bem estar de crianças - as quais serão, futuramente, trabalhadoras. A partir de uma relação análoga ao parasitismo, como apontado por Nancy Fraser em “Contradições entre capital e cuidado” (2016), o “homem econômico” exerce funções remuneradas e produz a mais valia, por mérito de um trabalho invisibilizado despendido em estágios anteriores da vida e que continua sendo demandado todos os dias.

Marx não possui registrado um desenvolvimento específico de sua visão a despeito do trabalho reprodutivo. Porém é possível encontrar alguns pontos incorporados ao longo do

desenvolvimento de suas obras e, de uma maneira lógica, inferir importantes levantamentos. Em *O Capital*, Marx aborda o valor de uso, que está relacionado a utilidade e efetivado somente no consumo do bem; e o valor de troca (ou apenas valor), o qual reflete que as grandezas de coisas distintas apenas podem ser comparadas quantitativamente depois de reduzidas à mesma unidade: o trabalho humano. O valor da mercadoria força de trabalho é então:

“O valor da força de trabalho (...) é determinado pelo tempo de trabalho necessário à produção, portanto também reprodução desse artigo específico.(...) Dada a existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste em sua própria reprodução ou manutenção. (...) A soma dos meios de subsistência deve, pois, ser suficiente para manter o indivíduo trabalhador como indivíduo trabalhador em seu estado de vida normal. As próprias necessidades naturais, como alimentação, roupa, aquecimento, moradia etc. são diferentes com o clima e outras peculiaridades naturais de um país. (...) Em antítese às outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho contém, por conseguinte, um elemento histórico e moral.” (MARX, 1985a, p. 141- 142)

A partir desse trecho, percebe-se que há uma demanda de tempo de trabalho para exercer funções que englobam a reprodução. Muitas dessas atividades estão associadas ao cuidado, elemento este de extrema relevância para a manutenção dos indivíduos dentro do mundo do trabalho. Logo, se o valor da força de trabalho é determinado pelo tempo de trabalho necessário à produção e reprodução da mesma, o tempo despendido no cuidado faz parte do conceito de valor de força de trabalho, pois são essenciais para que a força de trabalho em si se reproduza adequadamente.

As mulheres, grupo que mais realiza esse tipo de trabalho “invisível” que é associado ao cuidado, desenvolvem uma função muito importante para o sistema capitalista uma vez que ao satisfazer tais demandas de forma não remunerada, elas contribuem para uma diminuição dos custos envolvidos ao longo do processo produtivo das empresas. Destina-se então esse grupo de mulheres a desenvolverem um trabalho atrelado à esfera doméstica que

não é visível e que também não se encontra diretamente dentro dos ciclos de acumulação do capital. Aquelas que desempenham atividades atreladas apenas ao contexto do lar estão excluídas do mercado de trabalho e conseqüentemente da lógica salarial, o que agrava a dependência econômica de muitas frente aos seus possíveis parceiros.

A divisão sexual do trabalho, tão enraizada na sociedade patriarcal e capitalista, traz inúmeras conseqüências para a realidade, afetando diretamente as mulheres e suas vivências. Como já mencionado, o trabalho associado à esfera doméstica e a atividades de cuidado como um todo são em grande escala desenvolvido pelas mulheres. Apesar do recorte de gênero ser perceptível, entende-se que é necessário levar em conta também a interseccionalidade de raça e classe para compreender a amplitude da problemática trabalhada. O número expressivo de mulheres negras e de baixa renda que vendem sua força de trabalho atrelado às atividades de cuidado, traz à tona a reflexão de que dentro do grupo das mulheres a exploração dessas trabalhadoras pelo capital e as afetações do machismo se expressam em diferentes nuances.

Posto o estudo do cuidado é importante, por fim, apontar para possíveis intervenções quanto aos cuidados desvalorizados. Entretanto, não é qualquer solução que adentra os problemas do cuidado. Problemas com o cuidado tem raízes tão profundas quanto à dominação masculina, gerando subvalorização que ainda transborda à esfera visível desse trabalho. Ações que ignoram as profundezas do cuidado certamente falharão, possivelmente incorrendo em semelhantes erros.

REFERÊNCIAS

BRITO, J. e OLIVEIRA, O. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: FILHO, F.S e JARDIM S. (orgs.) A Danação do Trabalho, Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.

FRASER, Nancy. Contradições entre capital e cuidado. Revista de Filosofia, Natal, v. 27, n. 53, maio - ago. ISSN1983-2109. 2020.

MARX, Karl. (1985a). O Capital: crítica à economia política. Livro I, vol. I; Coleção Os Economistas, São Paulo: Abril Cultural, 1985

MARX, Karl. (1985b). O Capital: crítica à economia política. Livro I, vol. II; Coleção Os Economistas, São Paulo: Abril Cultural, 1985

MARX, Karl. (1985c) O Capital: Livro 1. [S.L]: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. A Chamada Acumulação Primitiva. In: O Capital. Lv. I, Vol. 2, São Paulo: Difel, 1985